

O HORIZONTE EPISTEMOLÓGICO DECOLONIAL

Reparação histórica através do desfile de 2019 da Estação Primeira de Mangueira

THE DECOLONIAL EPISTEMOLOGICAL HORIZON

Historical repair through the 2019 parade of Estação Primeira de Mangueira

ISABELLA NUNES MELLO¹

RESUMO

O objetivo do artigo se torna evidenciar uma nova epistemologia de conhecimento como fio condutor do processo criativo do desfile de escola de samba no ano de 2019 da Estação Primeira de Mangueira. Historicamente, o conhecimento estruturado a partir de um viés de pensamento ocidentalizado, era entrelaçado nas manifestações culturais brasileiras como o fenômeno carnavalesco. A narrativa que os desfiles das escolas de samba retratavam em sua apresentação, reforçava os mitos e equívocos que a historiografia eurocêntrica sistematizou por longos anos, relativizando e amenizando episódios históricos problemáticos, como a invasão e conseqüentemente a colonização, a escravidão e os genocídios dos verdadeiros proprietários dessas terras, os povos originários. A fim de repensar e reescrever a historiografia tradicional brasileira, o movimento decolonial surge como ruptura epistemologia com o intuito de evidenciar a existência e resistência de negros e indígenas no passado e no presente. No desfile “Historias para ninar gente grande” da Estação Primeira de Mangueira, a episteme decolonial é incorporada no desfile realizando uma reparação histórica frente aos povos indígenas, negros e demais grupos sociais que foram vítimas da colonização e da colonialidade, se tornando nesse desfile os verdadeiros heróis e protagonistas da história do Brasil.

Palavras-chave: Eurocentrismo; Decolonialidade; Escolas de Samba; Narrativa; Desfile; Mangueira.

ABSTRACT

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), e-mail da autora: nunesisabella75@gmail.com

The objective of the article becomes to highlight a new epistemology of knowledge as the guiding thread of the creative process of the samba school parade in 2019 at Estação Primeira de Mangueira. Historically, knowledge structured from a bias of westernized thinking was intertwined in Brazilian cultural manifestations such as the carnival phenomenon. The narrative that the samba school parades portrayed in their presentation, reinforced the myths and misconceptions that the Eurocentric historiography systematized for many years, relativizing and softening problematic historical episodes, such as the invasion and consequently the colonization, slavery and genocide of the real owners of these lands, the original peoples. In order to rethink and rewrite traditional Brazilian historiography, the decolonial movement emerges as an epistemological rupture in order to highlight the existence and resistance of blacks and indigenous peoples in the past and present. In the parade "Historias para ninar gente grande" at Estação Primeira de Mangueira, the decolonial episteme is incorporated into the parade, carrying out a historical reparation towards indigenous peoples, blacks and other social groups who were victims of colonization and coloniality, becoming in this parade the true heroes and protagonists of the history of Brazil.

Keywords: Eurocentrism; Decoloniality; Samba schools; Narrative; Parade; Hose.

INTRODUÇÃO

O tempo presente está sendo marcado por uma ruptura epistemológica, onde o campo do conhecimento que algum tempo atrás era inquestionável: o eurocentrismo está sendo refutado em seus mais variáveis níveis. Essa perceptiva é fruto do conhecimento ocidental que reproduzem equívocos e silenciamentos sobre a História do Brasil, pautadas por teorias naturalistas, modernistas e progressistas. Tal sistema de pensamento acaba silenciando e inviabilizando os sujeitos vítimas das agressões da colonização e do imperialismo: povos originários e afrodescendentes, violando assim, o corpo, o conhecimento e a subjetividade desses indivíduos.

Interpretada como hegemônica e universal essa perceptiva ocidentalizada acaba direcionando manifestações artísticas e culturais, como o fenômeno carnavalesco. Onde por longos anos os enredos das escolas de samba reproduziam silenciamentos, segregações, estereótipos sobre a história dos povos originários e afrodescendentes.

Nesse contexto o processo da colonização portuguesa em terras ameríndias deve ser compreendido para além da conquista de territórios e de corpos. Tal sistema de invasão acabou provocando opressões no campo do conhecimento, da linguagem e da subjetividade. Uma vez que os povos colonizados, corpos negros e indígenas eram considerados povos sem lei, sem fé e sem história (SHWARCZ, 2009). Logo, eram classificados como sujeitos não dotados de conhecimento e pertencimento identitário, cultural e subjetivo.

A colonialidade do ser, do saber e do poder (QUIJANO, 2005), ilustra bem esse amplo sistema de violência que povos originários e afrodescendentes sofreram e ainda sofrem nos dias de hoje. Onde, na medida em que é negado o lugar de falar (RIBEIRO, 2017), desses sujeitos de narrarem sua própria história, acabam sendo vítimas da colonialidade do ser e do saber, que se traduz como a inviabilidade da prova de identidade e conhecimento. Esse sistema de silenciamento também pode ser referenciado como epistemicídio (CARNEIRO, 2005), em que a ampla rede de conhecimento com seus códigos culturais, linguísticos, étnicos e epistêmicos são lidos como inexistentes. O epistemicídio dessa forma acaba justificando o amplo sistema de violência que esses povos sofreram no passado colonial (FANON, 1968).

As opressões no campo do conhecimento se transformam em espaços de negação, em que a pluralidade desses povos se torna invisibilizadas. Esses espaços podem ser traduzidos como no campo do ensino de história, através dos livros didáticos, onde, a narrativa apresentada reproduz equívocos históricos, silenciamentos identitários e mitos fundadores da história do Brasil. Outro espaço de negação pode ser identificado nas manifestações culturais e artísticas de representatividade nacional e mundial, como os desfiles das escolas de samba. Nesse campo, na medida em que as narrativas que direcionam os desfiles reproduzem os mitos da história nacional, ancoradas pela historiografia tradicional, acabam negando e inviabilizando a existência e a resistência dos povos originários e afrodescendentes, pois sua rede de memórias, ancestralidades, historicidades e subjetividades acabam sendo negadas e inviabilizadas.

A relação do pensamento eurocêntrico com o fenômeno carnavalesco estabelece suas raízes e germina sementes epistêmicas no campo do conhecimento que direciona a criação da temática dos desfiles das escolas de samba. O enredo sendo a musicalidade que ganha vida a partir de um campo de estudo, tem uma orientação étnica, histórica e epistêmica. Ele é o ponto de partida do processo criativo, sendo a base textual que fornece o norteamento para a mensagem que a escola de samba deseja transmitir para os espectadores do desfile.

1. PERCEPTIVA EUROCÊNTRICA NO CAMPO CARNAVALESCO

A narrativa tradicional pode ser identificada como pano de fundo do cenário dos primeiros cortejos de carnaval, onde tal discurso justificativa o afastamento da comunidade negra das festas carnavalescas, como os bailes de máscaras e a própria ocupação das ruas nos dias festivos do carnaval. As intensas perseguições que os povos de cor sofriam do Estado conservadorista e da outra margem da sociedade, aquela classe branca e elitizada que não queria se misturar com a população negra e pobre dos subúrbios, marcaram os primeiros anos do carnaval carioca.

Ancorado pelo discurso positivista de modernidade e progresso, a desafrikanização do Brasil, era um projeto que estava sendo colocado em prática nos centros urbanos (NETO, 2017, p.34). Os bailes de carnaval que ocorriam na região mais embranquecida e enriquecida na cidade do Rio de Janeiro, foram cada vez mais estruturadas para sobrepor as festas de rua que era majoritariamente ocupada por negros e grupos populares (CASTRO, 2003, p.110).

Conforme defendido por uma ampla rede de intelectuais (CASTRO; MUSSA; SIMAS; FABATO; NETO; MOURA; VIANNA), uma resistência no campo das escolas de samba protagonizado pela população negra e pobre, utilizam dessa manifestação cultural para demarcarem seu lugar de fala e sua existência no contexto sociopolítico e cultural do Brasil. A expressão da negritude, da espontaneidade e da cultura popular se manifesta no âmbito

rítmico, com a utilização dos instrumentos e batuques de candomblé nas baterias, atrelados a arranjos criativos e particulares a cada escola (DE ALMEIDA JESUS, 2020, p. 164).

A partir de 1950 se consolida no interior do universo carnavalesco o samba-enredo, como estilo musical que marca e consolida as grandes obras do gênero no cenário nacional. Coincidentemente, é nessa década que surge os enredos que incorporam em suas narrativas a história dos negros e da massa popular brasileira. Os principais enredos que consagram a década de 1950 e 1960 e nos anos posteriores, sendo lembrada e referenciada ainda nos dias de hoje, são: a tríade consagrada da Acadêmicos do Salgueiro “Navio Negreiro” 1957, “Quilombo de Palmares 1960”, “Chica da Silva” 1963, “Ganga Zumba, raiz da liberdade” do Engenho da Rainha em 1986, “100 anos de liberdade” da Mangueira em 1988, entre alguns outros.

Todavia, por mais que esses enredos invocassem a presença de personagens negros, fazendo referência a sua rede memórias, historicidades, ancestralidades e manifestações religiosas, tais enredos, continuavam a reproduzir estereótipos, segregações, e epistemicídios sobre a história desses povos. Como produções artísticas fruto de seu tempo, as representações do período apresentavam uma perceptiva gráfica do continente africano. Uma visão totalmente estereotipada em associar os negros puramente a personagens tribais era alimentada no cinema, nas revistas, ainda na cultura pop, onde o imaginário de uma África tribal e ritualística era recorrente (DOS SANTOS ANTAN, 2020, p.213).

Historicamente como majoritária parte da narrativa dos sambas enredos são estruturadas por essa perceptiva eurocentrada exemplos não faltam para exibir os mitos e equívocos históricos dessas narrativas. O samba enredo da Imperatriz Leopoldinense no ano 2000 intitulado “Quem descobriu o Brasil foi seu Cabral no dia 22 de abril dois meses depois do carnaval”, evoca o primeiro mito da nação, em que O Brasil foi um território “descoberto” pelo navegante Pedro Álvares Cabral. Essa história enaltece e legitima a narrativa da invasão, da extorsão da terra e suas riquezas. O mito da origem da nação também é

alimentado no enredo, do encontro entre o índio, o negro e o branco com o pano de fundo de uma relação plenamente amistosa e amigável.

2. DECOLONIALIDADE COMO CAMINHO EPISTEMOLÓGICO

Um novo horizonte epistemológico surge para além das bandas do Ocidente, para inaugurar uma premissa de pensamento que oferece vozes para sujeitos inviabilizados e silenciados pelos livros didáticos de história e pelos espaços de representação cultural e artística. O movimento decolonial se torna a resposta frente aos equívocos, epistemicídios e silenciamentos da narrativa tradicional. Essa perceptiva engrandece a voz dos sujeitos subalternizados: povos originários e afrodescendentes.

O conceito da decolonialidade surgiu no referido terceiro mundo, no contexto do fim da velha história e início de uma nova ordem mundial (MIGNOLO, 2017). O movimento decolonial atua no processo de desprendimento das macros narrativas ocidentais, inaugurando um novo modo de pensar que se desvincula da cronologia histórica construída pela episteme ocidental. A opção decolonial nos insere em um horizonte epistemológico colorido, repleto de caminhos e opções, por isso ela modifica fundamentalmente o ser (FANON, 1968, p.34).

A decolonialidade pode ser associada a outros conceitos, como Ecologia de Saberes (SANTOS, 2004), Reviravolta do Saber (FOUCAULT, 1999), Pensamento de Fronteira (MIGNOLO, 2009) ou Estudos Subalternos (Grosfoguel 2006).

O pensamento decolonial é, ao mesmo tempo, uma proposta de vida e de ciência. Articula-se, por exemplo, com as sociologias das ausências e das emergências, do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2010), no sentido de garantir visibilidade a modos de existência e experiências invisibilizados, ao mesmo tempo em que propõe resistência a um sistema político, econômico e social montado sobre o tripé colonialismo, capitalismo, patriarcado (DE FRANÇA, 2020, p.81).

Os movimentos decolonias vêm sendo incorporados em diferentes lugares do mundo, a fim de resgatarem e incorporarem no seio das sociedades

as historicidades, as epistemologias, as cosmovisões² e cosmo-percepções³ dos povos originários e afrodescendentes, que foram por tanto tempo silenciados e retirados do debate nacional e mundial. Esses grupos vêm se articulando dentro das diferentes instancias do saber, seja na política, na ciência, na educação, na mídia ou na escrita da história, a fim de demarcarem seu espaço com sua existência e resistência.

A decolonialidade também se traduz como um movimento epistemológico e político dentro das produções historiográficas, literárias e poéticas. Optar pelo caminho decolonial se torna uma opção epistêmica. Considerando a vasta pluralidade que tece a rede decolonial seria mais propício pensarmos opções decoloniais no plural. Uma vez que no próprio movimento decolonial se encontram uma gama de especificidades étnicas, epistemológicas e subjetivas.

O movimento decolonial como opção epistêmica de conhecimento, começou a ser incorporada no processo criativo e na temática dos desfiles de escolas de samba. Nesse contexto, o campo da particularidade étnica e histórica de negros e indígenas são incorporados na história que o enredo dos desfiles conta. Esse tipo de narrativa que guia o desfile e o samba enredo, evidencia as feridas não cicatrizadas da colonização, da colonialidade, do imperialismo, e dos tantos outros sistemas de opressões contemporâneas que esses povos sofrem.

A temática dos desfiles pautadas nos princípios decoloniais, vem chamando atenção nos últimos anos não somente do público e da comissão técnica ao avaliar e julgar tais apresentações na avenida. Essas

²Se pensarmos o Brasil a partir das cosmologias e histórias indígenas, veremos que esta nação é múltipla e nela coexistem maneiras distintas de pensar e de viver. E mesmo que a vivência em um território comum nos coloque o desafio de construir um campo de ação política que nos unifique como cidadãos, as cosmologias indígenas não podem ser reduzidas às formas ocidentais de pensar e de ordenar o mundo. As experiências e os saberes indígenas consideram o universo em sua totalidade e inserem o ser humano em uma complexa rede de relações que envolvem os seres, naturais e sobrenaturais, integrando a vida como um todo. Essas cosmologias não se confundem e nem podem ser contidas dentro da lógica materialista e mercadológica, com a qual estamos habituados.

³A ancestralidade é a magia do retorno do encontro, o encontro com nós mesmos, orientado por um conjunto de cosmo-percepções. O retorno do encontro que temos com a natureza, com nosso próprio corpo.

representações da história de negros e indígenas vêm se destacando nas diferentes instâncias da mídia, nas esferas de poder, nos polos de representação, assim como dentro dos movimentos sociais e políticos. Uma vez que esses desfiles são apresentados em tom provocativo, transmitindo uma mensagem de denúncia sobre a história do passado e do presente dos povos subalternos, acabam provocando toda a sociedade no geral.

Dito isso, se torna emergente e circunstancial que as narrativas decoloniais estejam cada vez mais incorporadas no processo criativo e artístico das escolas de samba. Na medida em que essa perceptiva se torna o fio condutor da temática do desfile, ela auxilia no processo de reparação histórica frente povos originários e afrodescendentes. O desfile que se estrutura através da pauta decolonial, contribui para o movimento étnico, epistemológico e democrático ocorrer, diante dos povos que por muitos anos foram silenciados e invisibilizados.

3. HISTÓRIAS PARA NINAR GENTE GRANDE

Um dos últimos desfiles pautados em princípios decoloniais que mais se destacou como um todo, foi o samba enredo de 2019 do GRES Estação Primeira de Mangueira. Intitulado “Histórias para ninar gente grande”, o desfile e o enredo se tornam um exemplo enriquecedor de cultura, representação, e reparação histórica, que convida os espectadores a conhecer uma história que a história não conta.

O carnavalesco Leandro Vieira responsável pela criação e realização do desfile, parte do pressuposto de evocar as ausências presentes na história do Brasil, exaltando os verdadeiros heróis do passado e do presente da história nacional. “Se a história oficial é uma sucessão de versões dos fatos, o enredo proposto é uma ‘outra versão’” (LIESA, 2019, p. 34), comenta o carnavalesco.

O desfile e o samba enredo reproduzem uma mensagem de denúncia sobre a história do Brasil. Toda a apresentação é estruturada a partir de uma crítica social e racial, defendendo no decorrer das alas dos desfiles quatro argumentos.

Primeiramente, exalta a existência e resistência de povos originários, afrodescendentes e demais populares como agentes diretos da história do Brasil. Segundamente, evidencia que os grupos citados anteriormente podem ser traduzidos como os verdadeiros heróis da história nacional. Terceiramente desconstrói as figuras que são associadas a heróis da pátria de acordo com a história tradicional, como Pedro Álvares Cabral, D. Pedro I, princesa Isabel entre outros. E por fim evidencia as mazelas que os governos autoritários do país alimentaram com sua necropolítica (MBEMBE, 2018), política de morte, onde, a população que mais morre no Brasil com números significativos, são sujeitos negros, trazendo a figura de Marielle Franco vereadora do Rio de Janeiro, que foi assassinada em 2018 pelo “estado”.

A mensagem que a escola verde e rosa desejam transmitir com seu desfile é que a história do Brasil é uma história de existência e resistência. Onde mesmo com a tentativa rotineira de extermínio que negros e indígenas sofrem ainda nos dias de hoje, esses grupos gritam sua voz, persistindo e resistindo. Todo esse movimento contribui para o pertencimento identitário nacional acontecer, em que, cientes de que nossa história é de luta, teremos orgulho do Brasil (VIEIRA, 2019, p.316).

O mito fundador da nação que aponta que o Brasil foi um país descoberto pelos portugueses, é criticado logo no início do desfile. Apresentando os povos originários como os verdadeiros proprietários dessa terra ancestral, colocando em xeque a narrativa que antes dos europeus chegarem não havia nenhuma civilização presente. Por isso seria mais propício apontar que somos brasileiros a mais de 12.000 anos e não há 500 anos (VIEIRA, 2019, p.313).

Não à toa o termo “DESCOBRIMENTO” ainda é recorrente quando, na verdade, a chegada de Cabral às terras brasileiras representou o início de uma “CONQUISTA”. E, ao ser ensinado que foi “descoberto” e não conquistado, o senso coletivo da nação jamais foi capaz de se interessar ou dar o devido valor à cultura indígena, associando-a “a programas de gosto duvidosos” ou comportamentos inadequados vistos como “vergonhosos” (VIEIRA, 2019, p.313).

O desfile engrandece as civilizações originárias, exibindo em uma ala a cerâmica que esses povos desenvolveram, fazendo analogia que são sociedades organizadas e bem estruturadas. Esse tipo de apresentação contraria a lógica tradicional eurocêntrica que tende a produzir estereótipos, segregações, além de romantizar e infantilizar esses povos.

Os aclamados heróis nacionais pela historiografia tradicional reproduzida nos livros didáticos de história são contrapostos durante o desfile. A imagem de Pedro Álvares Cabral que é interpretado como descobridor, é colocado na posição de saqueador e invasor. A figura dos bandeirantes que são considerados desbravadores que expandiram as fronteiras do território, são colocados no lugar de assassinos de negros e indígenas e usurpadores de terras e riquezas originárias.

Contrariando a representação dos negros pela perceptiva da escravidão, associando a esses personagens dor, sofrimento, assim como representações estereotipadas sobre suas particularidades étnicas, o desfile apresenta esses povos pela ótica da realeza. Engrandece e enaltece personagens como Dandara, Zumbi e Luiza Mahin, atribuindo a esses sujeitos o verdadeiro status de heróis, e agentes fundamentais na luta da abolição, e nos demais processos políticos sociais que o Brasil passou ao longo dos anos. Contradizendo dessa forma, os créditos as figuras monárquicas e aristocráticas coloniais, como princesa Isabel, D. Pedro I, Deodoro da Fonseca, que na narrativa tradicional são os únicos considerados responsáveis pelas mudanças políticas e sociais que ocorreram no Brasil.

O desfile realiza um verdadeiro resgate identitário, evidenciando o que o Brasil e os brasileiros têm de melhor. Invocam nomes que caíram na invisibilidade dentro da história nacional, personagens que foram os responsáveis pela luta abolicionista e sujeitos que resistiram na ditadura militar. Incorporando tais personagens no desfile, emite a mensagem que é a partir dessas figuras que se constrói a história do Brasil, se esses nomes não serviram para eles, para nós eles servem (VIEIRA, 2019, p.314), como defende o carnavalesco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção histórica da América Latina começa com a destruição de todo um mundo histórico, provavelmente a maior destruição sociocultural e demográfica da história que chegou a nosso conhecimento (QUIJANO, 2015, p.16). Assim, uma rede de identidades, epistemologias, ancestralidades, memórias e historicidades foram brutalmente segregadas, estereotipadas e silenciadas, por um projeto que ultrapassa o sentido geográfico. O eurocentrismo deve ser compreendido na mesma medida em termos epistêmicos e históricos: de controle do conhecimento e da subjetividade (MIGNOLO, 2008, p. 242).

A herança do projeto ocidental em colonizar mentes, corpos e sonhos presentes ainda nos dias de hoje nas diferentes instâncias de produção e reprodução de conhecimento, são orientadas pelas perspectivas eurocentradas, apesar de vivermos em um mundo “em que a Europa deixou de ser o centro de gravidade do mundo”, para usar as palavras de Achille Mbembe (2018).

Por isso o campo da historiografia política, social e cultural necessita de leituras e releituras a fim de construir uma narrativa que não silencie e invisibilize os povos originários e afrodescendentes, e suas histórias de existências e resistências no passado e no presente. Esta desconstrução da narrativa está intimamente entrelaçada com as manifestações culturais e artísticas brasileiras, tal como o fenômeno carnavalesco, onde acabou sendo estruturado a partir de uma perceptiva de conhecimento, em que historicamente, foi ancorada pela episteme hegemônica ocidental.

O enredo e desfile da Estação Primeira de Mangueira se pautaram em uma crítica social e racial frente à história do Brasil, incorporando nessa narrativa aqueles sujeitos que foram retirados e silenciados da historiografia tradicional, negros e indígenas, sendo apresentados pelo desfile, como os verdadeiros protagonistas da história do Brasil.

A partir dos princípios de resgate e de denúncia, o desfile realiza uma reparação histórica, frente à existência de negros e indígenas no passado e no presente. Sob o horizonte epistemológico decolonial, o enredo contribui para

um movimento de caráter étnico, político e democrático ocorrer, realizando uma desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2010), pois o desfile coloca em xeque a narrativa eurocêntrica, com seus mitos, silenciamentos, estereótipos, genocídios e epistemicídio.

Dessa forma, na medida em que os enredos são pensados a partir da episteme decolonial, ele acaba questionando a filosofia e historiografia eurocêntrica, colocando em xeque, o racismo, o machismo, o epistemicídio, o segragadorismo, o conservadorismo, e tantos outros sistemas de repressões contemporâneas. Assim como, trás para debate as feridas não cicatrizadas da colonização (CESAIRE, 1978) e da colonialidade que não podem ser esquecidas.

Optar por outro caminho teórico epistemológico ajuda a evitarmos os perigos da história única (ADICHIE, 2009), aquela única chave de leitura e interpretação sobre fenômenos e sujeitos históricos que devem ser compreendidos como parte de um todo. A dança cosmológica do saber decolonial nos oferece o pensamento e posicionamento para refletirmos ainda sobre nossas relações políticas, econômicas e afetuosas, assim descolonizamos nosso ser, sentir e pertencer.

REFERÊNCIAS:

ADICHIE, Chimamanda. **The danger of a single story**. New York, NY: TEDGlobal, 2009.

AZEVEDO DE PAULO, Helena Almeida, MELLO, Isabella Nunes. **Sobre a Dança da Educação**: Um ensaio sobre contribuições indígenas para uma educação não-indígena. ABATIRÁ - REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E

LINGUAGENS Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

CUNHA, Manuela Carneiro. **Índios no Brasil**: história, direitos e cidadania. Editora Companhia das Letras, 2005.

DOS SANTOS ANTAN, Leonardo. **“Exaltando o negro pro mundo inteiro cantar”**: inovações e influências da “Revolução Salgueirense” nos desfiles das escolas de samba entre 1959 e 1963. Policromias-Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, v. 5, n. 4, p. 197-233.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira. 1968.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: 1999, p.3-75.

KAYAPO, Edson. BRITO, Tamires. **A pluralidade étnico cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso?** Caiacó, v.15, n.35, p.38-68, jul.| dez. 2014. Dossiê Histórias Indígenas.

MELLO, Isabella Nunes e REIS, Mateus Fávaro. **Tecendo um colar de horizontes epistemológicos: O protagonismo de Ailton Krenak e Davi Kopenawa para a escrita de histórias plurais**. ABATIRÁ - REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGENS Universidade do Estado da Bahia - UNEB

MELLO, Isabella Nunes. **Cosmo-percepção**. HH Magazine, 2020. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/cosmo-percepcao/>. Acesso em: 6\02\2023.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência Epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF, 2008.

MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antônio. **Samba de enredo: história e arte**. Rio de Janeiro, 2010.

NETO, Lira. **Uma história do samba**. v.1 (As origens). São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, E. (Org.). Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 117-142.

SCHWARCZ, Lilia. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**. Companhia das Letras, 2009.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995

VIEIRA, Leandro. **História para ninar gente grande**. In: LIESA. Livro Abre-alas 2019: segunda-feira. Rio de Janeiro: 2019. p. 307-389. Disponível em: Acesso em: 20 fev. 2023.

Recebido em 11/07/2023.

Aprovado para publicação em 31/07/2024.